

---

## Samuel Johnson

Nasceu a 18 de setembro de 1709, em Lichfield, no Staffordshire, e é unanimemente considerado um dos maiores autores da prosa de língua inglesa. Distribuída por ensaio, crónica, poesia, biografia, lexicografia e crítica literária, a obra de Samuel Johnson atravessa todos os géneros sem perder a elegância, o espírito crítico, a erudição e o compromisso com a literatura. Pioneiro do «jornalismo literário», escreveu para as revistas *The Gentleman's Magazine*, *The Rambler* e *The Idler*, além de ter preparado – ao longo de nove anos – um pioneiro dicionário da língua inglesa (1755). *The Vanity of Human Wishes*, o seu livro de poesia mais conhecido, foi publicado em 1749; durante a década seguinte, ocupou-se também da obra de Shakespeare, que organizou e prefaciou (1765) antes de, em 1779, ter iniciado a publicação do seu monumental *Lives of the Most Eminent English Poets*, e de, em 1775, ter sido impresso o seu relato *A Journey to the Western Islands of Scotland*, viagem que realizou na companhia de James Boswell (1740-1795), a quem devemos a extensa e riquíssima biografia, *Life of Samuel Johnson, LL.D.*, publicada em 1791. Johnson morreu em Londres, a 13 de dezembro 1784, e foi sepultado na abadia de Westminster. Esta primeira recolha de crónicas e ensaios apresenta ao leitor português um dos grandes talentos da nossa tradição literária ocidental.

---

OBRAS PRINCIPAIS DE SAMUEL JOHNSON

Plan for a Dictionary of the English Language (1747)

Preface to the Plays of William Shakespeare (1756)

The Vanity of Human Wishes (1761)

A Journey to the Western Islands of Scotland (1762)

Taxation No Tyranny (1765)

The History of Rasselas, Prince of Abissinia (1771)

Irene, a Tragedy (1775)

Miscellaneous Observations on the Tragedy of Macbeth (1782)

Samuel Johnson

(1709-1784)

*Páginas Escolhidas*

Tradução de Miguel de Castro Henriques

QUETZAL | Série Clássica

# Índice

COMO VÃO AS COISAS EM LILIPUTE	9
SOBRE O EPITÁFIO DE GAY	21
EM TOTAL DEFESA DOS CENSORES DAS ARTES DO PALCO	27
ENSAIO SOBRE OS EPITÁFIOS	51
A VISÃO DE TEODORO, O EREMITA	
DE TENERIFE, ENCONTRADA NA SUA CELA	63
SOBRE A TEORIA E A PRÁTICA	81
OS BENEFÍCIOS DA SOCIEDADE HUMANA	89
O PAPEL DO HOMEM DE LETRAS	97
OBSERVAÇÕES SOBRE A SITUAÇÃO ATUAL (1756)	105
SOBRE O DEVER DO JORNALISTA	121
COMO OS ABUTRES VEEM O HOMEM	127
PRISÕES DE DEVEDORES (1)	133
CONSOLAÇÃO DIANTE DA MORTE	139
A NATUREZA DE UM CRÍTICO	145
A OPRESSÃO EUROPEIA NA AMÉRICA	153

## COMO VÃO AS COISAS EM LILIPUTE



Há alguns anos andavam os leitores não só entretidos como bem informados graças ao curioso relato do recentemente descoberto império de Lilipute, escrito pelo capitão Gulliver, um relato que (apesar de ter sido rejeitado quando apareceu pela primeira vez por ser considerado inverosímil, e criticado por outros como parcial e pretensioso), devido ao sucesso que acompanha sempre a integridade e a verdade, acabou por triunfar contra toda a oposição e conquistou o crédito dos cétricos mais obstinados, tendo obtido no mundo inteiro uma reputação que não teme ver-se diminuída, nem admite nenhum incremento.

Entretanto, é bastante lamentável que o engenhoso viajante tenha sido desviado da sua intenção de levar a cabo a descrição completa e precisa desse país desconhecido, explorando a sua história desde os tempos mais remotos, explicando as leis e costumes dos seus habitantes e descrevendo as obras de arte e os produtos da natureza específicos daquela terra e daquela gente. Tivesse a humanidade a felicidade de tema tão nobre e instrutivo ser cultivado e ornamentado pelo génio de LEMUEL GULLIVER, um génio tão sublime como vasto, agudo e sagaz, digno

de pôr em destaque a política dos mais subtis e de celebrar os sucessos da nação mais guerreira, então talvez os legisladores de Lilipute tivessem sido erguidos às alturas como rivais da fama de Numa e Licurgo; e os seus heróis teriam brilhado com não menos lustre do que Cadmus e Teseu.

*Felix tanto argumento ingenium, felix tanto ingenio argumentum!* (Feliz o intelecto para quem um tema tão elevado é apresentado, feliz o tema a quem tão elevado intelecto foi trazido.)

Porém, como a esperança acalentada pelos leitores de ver esta imensa tarefa levada a seu termo com êxito foi frustrada pela indolência, negócios ou quiçá pelo inesperado golpe da sua morte súbita, não temos dúvida de que muito agrada a nossos leitores um apêndice ao relato do capitão Gulliver que recebemos no último mês, e dado que a última resolução da Câmara dos Comuns, pela qual estamos proibidos de inserir qualquer relato dos procedimentos do Parlamento Britânico, nos proporciona uma oportunidade de comunicar no seu próprio espaço.

Alguns anos após a publicação das descobertas do capitão Gulliver, no meio do clamor que contra ele se ergueu movido pela ignorância, malentendido e malícia, um neto do capitão, irritado e ressentido com as indignidades atribuídas ao carácter do seu antepassado, lançadas por homens que, sem a menor consideração pela sua célebre veracidade, acusavam o seu relato de ser uma falsidade deliberada, resolveu, como método mais eficaz para vingar a sua memória, encetar uma viagem a Lilipute, de modo que, enquanto testemunha ocular privilegiada, no seu regresso pudesse confirmar os relatos do

seu avô e assim silenciar para sempre essas calúnias que, segundo ele, se baseavam apenas numa extrema ignorância tanto da geografia como da natureza humana.

Esta viagem, que contou com o apoio de alguns mapas e observações encontradas no meio dos papéis do seu avô, foi levada a cabo com todo o sucesso num barco chamado *Confidence*, e uma vez apurado o seu nome de família, obteve recepção memorável na corte de Lilipute que demonstrou de forma cabal que a memória do Homem-Montanha estava longe de se ter desvanecido entre eles; e todo o tempo que, entretanto, passou, acabou por ter em Lilipute o mesmo efeito observável neste lado do globo, o da preservação e incremento de uma reputação alicerçada em grandiosos e ilustres atos, e o dissipar dos murmúrios maliciosos e caluniosos da facção contrária. Assim, foram clarificadas, ou esquecidas, as acusações lançadas contra o capitão pelos seus inimigos; e o neto à sua chegada verificou que Mildendo, preservada das chamas, e a conquista da formidável marinha de guerra de Blefuscu entretanto se tinham tornado temas de poemas épicos, de discursos anuais e tópicos constantes dos discursos dos idosos, e constituíam os exemplos com os quais animavam a sua juventude a permanecer fiel, ter presença de espírito e destreza nas proezas militares.

A generosa e hospitaleira recepção que encontrou no país deu-lhe muitas oportunidades para dispor de uma mais completa informação de como iam as coisas por aquela parte do mundo; e, para isso, já viera preparado devido às conversas mantidas com o seu avô e a um razoável conhecimento da língua liliputiana, obtido graças à ajuda

da gramática e de um vocabulário que, juntamente com a outros escritos dessa língua, o capitão Gulliver deixara à posteridade.

Todas estas diversas vantagens capacitaram-no para desenvolver um progresso rápido nas suas investigações e, ao fim de três anos, voltou, não com um carregamento de ouro, de seda ou diamantes, mas com histórias, memórias, panfletos, discursos, tratados, cartas e instruções que para a humanidade serão uma compensação suficiente da perda que lhe foi imposta pela negligência ou pela inesperada morte do capitão Gulliver; também estabeleceu correspondência entre Lilipute e as colônias inglesas das Índias Orientais, graças à qual todos os valiosos escritos aqui transcritos e todas as novidades históricas e políticas lhe serão transmitidas todos os anos.

Este cavalheiro, apesar da veneração que nutria pelo avô, a qual o levou a encetar uma viagem tão longa e monótona, sem outro motivo a não ser o de obrigar o mundo a prestar justiça ao carácter do seu antepassado, deu as mais elevadas provas de que a verdade lhe era mais cara do que a reputação da sua família, e que nenhuma falsa piedade podia prevalecer contra ela forçando-o a encobrir erros ou a disfarçá-los, pois estes foram efeitos necessários da curta estadia do capitão Gulliver, da sua difícil situação, aspecto formidável e conturbados empreendimentos.

O acesso pronto aos grandes homens de Lilipute, a familiaridade com o próprio Imperador, graças à consideração que tradicionalmente mantinham pelos méritos do seu avô, tornaram-lhe mais fácil fazer descobertas mais importantes em três dias do que o capitão Gulliver

durante toda a sua estadia. Ficou particularmente surpreendido na sua primeira conferência com o Imperador, ao ouvi-lo referir muitos outros estados e impérios, além dos de Lilipute e Blefuscu; e, depois de ter comentado que no relato do seu avô não se mencionavam outras nações, Sua Majestade com muita condescendência informou-o que ultimamente tinha sido descoberto, num velho depósito de arquivos, um édito desses tempos que proibia em absoluto, castigando os infratores com a pena de morte, que se prestasse ao Homem-Montanha qualquer tipo de informação relacionada com o estado de qualquer outro país; temendo que a sua ambição o levasse a invadir uma parte do território que não tivesse meios de defesa, quer nos domínios de sua majestade liliputiana quer nos de algum príncipe mais fraco, ou de um pequeno estado, de modo a ali construir um poder absoluto que com o decorrer do tempo se tornaria talvez insustentável para o próprio estado de Lilipute. «E também não acredito», disse Sua Majestade, «que o seu avô tivesse ouvido falar de Blefuscu se as necessidades do estado não tivessem, com bastante relutância, obrigado a corte a revelar a sua existência; e, mesmo nessa conjuntura, deram-lhe um relato tão imperfeito que ficou a pensar que Blefuscu não passava de uma ilha; quando na realidade se tratava de um grande império no continente, tendo por vizinhos outros impérios, reinos e estados sobre os quais darei ordens ao meu geógrafo para que lhe transmita uma descrição precisa».

Foi imediatamente ter com o real professor de geografia e, depois de observar os mapas de Lilipute e de Blefuscu e das ilhas vizinhas, reinos e impérios, deu-se conta

de que eram uma perfeita representação do mapa da Europa, e que aquelas pequenas regiões com as suas dependências tinham uma semelhança tal que pareciam um compêndio do nosso grande mundo, tal como o modelo de um edificio contém todas as mesmas partes dispostas do mesmo modo no desenho principal.

Esta observação levou-o a debruçar-se mais intimamente sobre os seus estudos geográficos, e quanto mais avançava mais ficava convencido da justeza da noção que ele concebera, a de um mundo em miniatura, habitado por esta raça de pigmeus. Nele encontrou as quatro partes da Terra, representadas por países correspondentes, excetuando o facto de que o mundo liliputiano não sendo esférico, no entanto, deve ser considerado como apresentando a forma que os antigos atribuíam ao nosso. Também não preciso de revelar aos leitores matemáticos que, estando iluminado pelo nosso Sol, não admite nenhuma diversidade de zonas e de climas, mas apresenta uma analogia precisa em relação à nossa Terra, e às terras e marés, cadeias de montanhas, extensões desérticas e a uma diversidade de nações.

O povo de Degulia, ou a Europa Liliputiana, cujo nome deriva de DEGUL, ilustre (uma palavra agora obsoleta, conhecida apenas dos antiquários e etimologistas), está acima doutras partes do mundo. Famoso pelas artes, armas e navegação, em consequência desta superioridade, dedicou-se à conquista e estabeleceu colónias em regiões mais distantes, cujos habitantes consideravam bárbaros, embora no tocante à simplicidade de maneiras, probidade e temperança lhes sejam superiores; e, ao que parece,

pensam que têm o direito de tratá-los segundo os ditames da paixão, interesse ou capricho, sem grande consideração pelas regras da justiça ou da humanidade; eles levaram esta soberania imaginária a tal ponto que por vezes se dedicaram à rapina, derramamento de sangue e devastação. Se observarmos o fundamento desta autoridade, nunca os vimos deduzir o seu direito a partir de uma jurisdição superior, nem sequer procuraram o consentimento das pessoas que governam de forma tão tirânica; em vez disso, ora ameaçam com punições por restringir a soberania do Imperador, ora se compadecem da vossa estupidez ou dizem positivamente que o *Poder é a lei*. Alguns pretendem que um pontífice lhes concedeu uma concessão em relação à qual, se estão para aí virados, demonstram uma submissão absoluta, mas outras tantas vezes não lhe têm o menor respeito; porém, essa concessão não vale a pena ser examinada, dado que o pontífice da qual ela emana não tem a possibilidade de estabelecer a sua própria autoridade em nenhum terreno firme: por isso no máximo as pretensões dos Degulianos em relação a essas colónias são como o mundo muçulmano, que assenta sobre um elefante que se apoia numa pedra, que não é sustentada por nada.

Pode-se observar que as suas conquistas e aquisições em Colúmbia (que é o nome que os Liliputianos dão ao país que corresponde à nossa América) contribuíram muito pouco para o poder das nações que, para o obter, tiveram de cortar todos os laços que os ligam à natureza humana. De facto, ampliaram os seus territórios e obtiveram novos títulos para os seus príncipes, mas ao mesmo

tempo exauriram a terra-mãe dos seus habitantes e sujeitaram-se a mil insultos, por possuírem vastas extensões de terra, demasiado espaçosas para se darem ao luxo de estar constantemente guarnecidas de tropa e demasiado remotas para poderem ser de vez em quando devidamente fornecidas com mantimentos.

Mesmo a Ibéria, um país na porção sudoeste de Degulia, cujos habitantes foram os primeiros descobridores de Colúmbia, embora se vanglorie de ser senhora da mais fértil e rica porção dessa parte do mundo que conquistou por meio dos mais terríveis massacres e devastações, ainda não tem, apesar de todo o ouro que importou, o equivalente do número dos seus habitantes que enviou a fim de povoar esses reinos que a sua espada desperdiçou; de tal modo que a única vantagem das suas poderosas conquistas não passa de uma coisa muito volumosa, é certo, mas sem força, e de orgulho sem poder.

Contudo deve-se observar, para honra dos Liliputianos, em todos os tempos famosos pelas suas políticas, que têm a arte de civilizar as suas colónias remotas sem provocar muitos danos no seu país natal; porque quando algum dos seus transgride as regras da sociedade, por meio de roubos, sedições ou outros crimes que vão contra a segurança e os impedem de continuarem lá a viver, são remetidos para alguma colónia distante durante um certo número de anos de acordo com os seus crimes. Durante a sua estadia o Sr. Gulliver viu pessoas deste género, cerca de dez mil, levadas das prisões de Mildendo em barcaças até navios ancorados no rio para depois serem transportadas até Colúmbia, onde seguidamente eram distribuídas

pelos habitantes, sem dúvida a fim de propagar o conhecimento e a virtude, e também a honra do seu país natal.

Outro inconveniente destas pretensões é que se tornam uma fonte constante de discórdia entre os poderes de Degulia, alguns dos quais perpetuamente disputam os seus direitos com países a quem ninguém tem direito e que, às vezes, são defendidos pelos seus habitantes contra ambos. Uma querela deste tipo levantou-se entre Liliputianos e Ibéricos que contestavam os limites das suas aquisições columbianas (ou americanas). Os Liliputianos, contrariamente ao génio dessa gente excessivamente marcial, fizeram concessões muito liberais. De tal forma que isso fez recair sobre eles o labéu da cobardia em vez de serem elogiados pela sua moderação; porém, os Ibéricos, insaciáveis na sua ambição, resolveram insistir em nada menos do que manter a posse absoluta e ininterrupta daquela parte do mundo. Para implementar essa sua resolução, sob vários pretextos capturaram todos os barcos liliputianos que se aventuravam ou aproximavam das suas costas nos mares columbianos. Confiscaram a sua carga, aprisionaram, torturaram e fizeram passar fome aos seus marinheiros. Os Liliputianos sofreram com paciência todos esses agravos durante muito tempo, mas por fim, devido aos frequentes assaltos, acordaram e aquando da partida do Sr. Gulliver estavam a fazer preparativos para a guerra, cujos resultados ainda não chegaram ao seu conhecimento.

O nosso autor, tendo satisfeito a sua curiosidade em relação à geografia deste pequeno mundo, começou a estudar com mais atenção a constituição e as leis de Lilipute.

E quão grande foi a sua surpresa ao descobrir que se assemelhava muitíssimo à nossa! O poder executivo estava totalmente centrado na pessoa do Imperador; o legislativo pertencia ao Imperador, à Câmara dos *Hurgoes*, ou Lordes, cujas honras e privilégios são hereditários, e à Câmara dos *Cinabs*, ou Comuns, representantes eleitos no seio do povo, cujas assembleias continuam por diversas sessões e adiamentos ou prorrogações, durante o espaço de sete luas, após as quais a sua autoridade termina e se decretam novas eleições.

O Sr. Gulliver, espantado por esta maravilhosa conformidade entre a constituição da Inglaterra e a de Lilibute, consultou Flibo Quibus, o historiador real sobre esse assunto, e este relatou-lhe o seguinte:

«Faz agora, segundo as mais reputadas cronologias, mais de 392 luas desde a chegada do seu ilustre antepassado Quibus Flestrin, ou o Homem-Montanha, aos confins de Lilibute, onde obteve todos esses sucessos que a nossa história ainda regista e que são celebrados pelos nossos poetas; mas hélas! Ele por fim caiu em desgraça e foi banido por causa de imerecidas calúnias e maledicências.

Depois da sua partida, o povo, que estivera irritado com ele devido a falsos testemunhos e boatos, ao descobrir que as mesmas cruéis medidas que tinham sido imputadas aos seus conselhos ainda persistiam, e todas as calamidades que ainda subsistiam e tinham sido atribuídas ao efeito da sua estada entre eles, de repente, não só ficou convencido da sua inocência mas, ao lembrar-se da

sua sabedoria, clemência e valor, ficou tão exasperado com os seus inimigos que cercou o palácio real e pediu as cabeças dos acusadores do Homem-Montanha. Os ministros, como de costume, correram à procura de refúgio na autoridade real, mas, longe de acalmar o povo com essa artimanha, envolveram o seu mestre na sua destruição.

O povo, após incendiar o palácio e ter enterrado toda a família real nas suas ruínas, colocou um tal Mulgo Malvin, que fora secretário do Homem-Montanha, no trono de Lilipute. Este homem remodelou a forma de governo de acordo com o plano que o seu mestre lhe fornecera e que era considerado uma réplica exata da constituição britânica.

O nosso governo (continuou a dizer o Liliputiano) em certos pontos difere do original. Os Clinabs no início eram escolhidos a cada lua, mas agora permanecem no seu posto durante sete luas, e é a essa alteração que se deve atribuir a presente venalidade e dependência verificável nas suas assembleias. Do mesmo modo, antigamente eram pagos pelas pessoas que eles representavam pelas suas tarefas em prol dos assuntos públicos, mas ultimamente é mais comum os Clinabs pagarem às pessoas para ser eleitos. Os nossos antepassados, nos tempos antigos, tinham alguma consideração pelo carácter moral da pessoa que fora eleita em sua representação para as assembleias nacionais, e teria mostrado algum ressentimento ou indignação caso os seus votos tivessem sido pedidos para um assassino, um adúltero, um conhecido opressor, um mercenário óbvio, um jogador ou um chulo.

Também pediam àqueles que eram candidatos à feitura das leis algum conhecimento das que já tinham sido proclamadas; mas, agora, para certos eleitores, nem a mais flagrante imoralidade nem a ignorância mais crassa constituem objeções ao carácter de um homem que solicita votos com ouro nas mãos.»

Tal foi a resposta do Sábio Liliputiano que incitou o Sr. Gulliver a prosseguir no estudo das suas leis, costumes e história; talvez ele pudesse descobrir, dado que a natureza humana funciona do mesmo modo em todas as partes do mundo, de que maneira o governo de Lilipute, outrora alicerçado de acordo com um plano de tão grande excelência, se tornara tão miseravelmente degenerado; enquanto o governo britânico, o seu modelo original, mantinha inviolada a pureza e o vigor da constituição primitiva.

Dado que nos propomos publicar mensalmente a parte dos papéis do Dr. Gulliver que julgarmos mais conveniente para familiarizarnos os nossos leitores com a história e o estado presente de Lilipute, escolhemos para o entretenimento deste meio ano os debates do senado liliputiano, e começaremos com um muito importante por ocasião das depredações ibéricas que mencionámos e as medidas de reparação que foram tomadas, e esse debate, tal como na verdade todos os restantes em relação com todos estes altos assuntos, foi efetuado com a maior eloquência e espírito, na 4.<sup>a</sup> sessão do 8.<sup>o</sup> senado (ou parlamento) de Lilliputia Magna, que decorreu em Belfaborac na 11.<sup>a</sup> lua do reino do Imperador Gorgenti II.